

## Rubem Alves: educação e religião

*Rubem Alves: education and religion*

*Maria de Jesus Reis Silva<sup>1</sup>*

*Maria do Perpétuo Socorro Ferreira dos Anjos<sup>2</sup>*

**Resumo:** A preocupação com a infância e sua relação com a educação articuladas com a experiência religiosa está presente em múltiplos campos do conhecimento, na atualidade, como bem representa Rubens Alves em várias de suas obras. Para o escritor, educação e religião estão diretamente envolvidas com questões socioculturais, demonstradas, no que chama de experiência estética, de olhar sensível, de afetividade docente e de encantamento. Nessa esteira, percebemos que o pensamento de Alves está cada vez mais próximo do campo educacional atual, pois nas relações educativas o ensinar conhecimentos não deve se restringir ao conjunto operacional presente nas áreas disciplinares mas, potencializar as experiências do discente para que haja melhor conexão entre o aprendizado e sua vivência, entre afeto e cognição. Este artigo tem por objetivo refletir sobre a articulação dessas dimensões, na obra de Rubem Alves. Assim, este estudo está constituído por pesquisa bibliográfica projetada em uma metodologia qualitativa. Como considerações finais, afirma-se o pioneirismo de Alves em buscar, por meio da opinião de diversos autores um posicionamento educacional articulado à religião e vinculados à reunião de fatores da subjetividade, afetividade e relacionamentos sociais vigentes.

**Palavras-chave:** Afetividade; Educação; Religião; Subjetividade.

**Abstract:** The concern with awakening to childhood and its relationship with education and religion are present in the multiple fields of knowledge, today, as well represented by Rubens Alves in several of his works. For the writer, education and religion are directly involved with purely sociocultural issues, demonstrated, in what he calls aesthetic experience,

---

Artigo recebido em: 30 de abril de 2021

Aprovado em: 02 de agosto de 2021

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo.

<sup>2</sup> Especialista em Direito Educacional no Processo Ensino-Aprendizagem pela Faculdade Clarentianas, Goiás.

sensitive view, teaching affection and enchantment. Likewise, in this wake, we realize that Alves' thinking is increasingly closer to the current educational field, as in educational relationships teaching knowledge should not go against the student's daily experience, however, to enhance the student's experiences so that there is better connection between learning and your experience. This article aims to reflect on the considerations of axioms, education and religion for Rubem Alves. Thus, this study reviews a bibliographic research designed in a qualitative methodological. As final considerations, Alves' pioneering spirit in seeking, through the opinion of several authors, an educational position articulated with religion and linked to the gathering of factors of subjectivity, affectivity and current social relationships is affirmed.

**Keywords:** Affectivity; Education; Religion; Subjectivity.

## Introdução

Na segunda década do século XXI perdemos o escritor, filósofo, teólogo, professor e psicanalista, Rubem Alves, considerado e reconhecido pela sua contribuição para a educação brasileira. Como escritor, além dos livros dedicados à educação contemplou o público infantil com histórias que encantam tanto pela sua simplicidade quanto pelos incontáveis ensinamentos. De certa forma, suas obras possuem um profundo teor psicanalítico e teológico, agregadas à vida humana e à sociedade, demonstrando toda sua preocupação com a educação. A sua inquietude diante do mundo é retratada como rica produção subjetiva que está evidenciada em seus trabalhos. Como concepção dominante de sua abordagem educacional encontramos o papel central do professor no processo educativo como um todo.

Os Estados Unidos descobriram, em 2012, a obra de Rubem Alves através de seu livro, *Transparências da Eternidade*, em tradução para o inglês *Transparencies of Eternity*, recebendo o prêmio Eric Hoffer Awards (Menção Honrosa em Excelência em publicações religiosas). No mesmo ano, o escritor fundou, em Campinas, o Instituto Rubem Alves com o objetivo de preservar e perpetuar todo seu acervo, além de marcar sua presença na educação no Brasil, como pensador<sup>3</sup>.

Rubens Alves dedicou sua vida em temas como sociedade, filosofia, religiosidade, educação, teologia, ensino, afetividade e

---

<sup>3</sup> INSTITUTO RUBEM ALVES [*Site institucional*]. [s.d.]. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/biografia/>. Acesso em: 06 abr. 2021, [n.p.].

subjetividade. Em suas obras encontramos várias citações que fazem com que observemos a recorrência de determinados tópicos:

Persiste a mesma função religiosa. Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia com a natureza, por mais disfarçadas que estejam nas máscaras do jargão psicanalítico/psicológico, ou da linguagem da sociologia, da política e da economia, serão sempre expressões dos problemas individuais e sociais em torno dos quais foram tecidas as teias religiosas se secularizou, mas antes que os deuses e esperanças religiosas ganharam novos nomes e novos rótulos, e os seus sacerdotes e profetas novas roupas, novos lugares e novos empregos<sup>4</sup>.

As coisas do mundo humano apresentam uma curiosa propriedade. Embora façam parte do conjunto da natureza, dela se diferenciam, pois, que estão relacionadas à organização cultural e histórica que caracteriza nossa espécie. Assim, a existência da água e do ar, a alternância entre o dia e a noite, a composição do ácido sulfúrico e o ponto de congelamento da água em nada dependem da vontade do homem, mas educação, arte, afetos, gostos e motivações estão a ela atrelados<sup>5</sup>.

É preciso perceber o arcabouço gerado pelo diálogo entre educação e religiosidade no contexto histórico-cultural do século vivido por Rubem Alves. Em seus escritos o olhar de Alves remete à tríade da integralidade<sup>6</sup> dos fatos sociais, da historicidade humana e da psique. Portanto, não podemos deixar de compreender que o passado, às vezes até paradoxalmente, interage com o presente e nos joga ao futuro, ao considerarmos a história da humanidade.

Numa perspectiva teórica, Nogueira (2012) denomina os fenômenos culturais (crenças, narrativas ritos, etc) como sistemas modelizantes de segundo grau, ou seja, para ele seriam derivados de um primeiro sistema de sinais constituído pela língua natural. Portanto, linguagem, como um sistema simbólico, e cultura são uma unidade inseparável. A linguagem é o modelo da cultura, e esta última fornece estrutura para a linguagem<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 12.

<sup>5</sup> ALVES, 2006, p. 37-38.

<sup>6</sup> CUNHA, Antônio G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 440.

<sup>7</sup> NOGUEIRA, Paulo A. de S. (Org.). *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 21.

Alguns dos teóricos mais citados por Alves são Marx, Piaget, Vygotsky, Nietzsche, Freud, Platão e Foucault. Estes dois últimos são utilizados por Alves para discutir aspectos sobre a produção do conhecimento científico.

De Foucault, Alves traz o conceito de genealogia como referência para a compreensão sobre a produção científica humana. É interessante observar como o filósofo defende esse conceito para a compreensão na evolução da ciência, ou como diz “*anticiência*”:

Não é um empirismo que perpassa o projeto genealógico; não é tampouco um positivismo, no sentido comum do termo, que o segue. Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de urna ciência que seria possuída par alguns. As genealogias são anticiências. Não que elas reivindicuem o direito lírico a ignorância e ao não-saber, não que se tratasse da recusa de saber ou do pôr<sup>8</sup> em jogo, do pôr em destaque os prestígios de uma experiência imediata, ainda não captada pelo saber. Não é disso que se trata. Trata-se da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de urna insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados a instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. E se essa institucionalização do discurso científico toma corpo numa universidade ou, de um modo geral, num aparelho pedagógico, se essa institucionalização dos discursos científicos toma corpo numa rede teórico comercial como a psicanálise, ou num aparelho político, com todas as suas aderências, como no caso do marxismo, no fundo pouco importa. É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar o combate<sup>9</sup>.

A história genealógica aborda os discursos considerados como verdades, atribuindo-lhes um caráter estratégico. Para Foucault (2005), o conhecimento é uma relação estratégica em que o homem se situa para se constituir como sujeito cognitivo. Para Foucault, portanto, a história do conhecimento, é constituída por meio de estratégias de dominação e de luta, segundo a qual só há conhecimento na medida em que se estabelece um confronto, um

---

<sup>8</sup> Mantivemos a estrutura linguística do autor.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: Curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 14.

duelo entre o homem e o objeto. Ao fazê-lo, Foucault nega a possibilidade da neutralidade do conhecimento, afirmando a parcialidade desse processo<sup>10</sup>.

Em oposição a essa compreensão, Alves aborda Platão comentando a Alegoria da Caverna e explica que:

Lá no fundo da caverna o homem sabia distinguir muito bem as sombras que dançavam contra a parede das coisas mesmas que as produziam. Se os tolos tomavam as sombras por realidade (doxa), o filósofo buscava as coisas mesmas, para contemplar a realidade face a face, sem mediações, no conhecimento (episteme). Agora, no conhecimento científico, este discurso apenas alcança uma nova dignidade: a capacidade de dizer a realidade como ela é, a capacidade de dizer a verdade<sup>11</sup>.

Em Platão, a pedagogia de Rubem Alves é uma espécie de “Pedagogia do Amor”. Nela o amor não é algo separável da educação, mas a ela atrelado. Esta pedagogia, guardada a distância, se aproxima muito daquela que, já no século V a.C., Platão difundia, ainda que com outros nomes. Porém, não é difícil notar a influência do filósofo no educar ao estilo de Rubem Alves<sup>12</sup>.

## 1. Rubem Alves - racionalidade x sensibilidade

Segundo Alves, a ciência pouco ortodoxa da psicanálise nos informa que o discurso sobre as ausências, discursos dos sonhos, das esperanças, têm o seu lugar na interioridade de nós mesmos, explodindo, emergindo, irrompendo sem permissão, para invadir e embaraçar o mundo tranquilo, racional e estabelecido de nossas rotinas institucionais<sup>13</sup>.

Assim sendo, emerge um ponto importante sobre a obra, *Entre a Ciência e a Sapiência: O Dilema da Educação*, de Rubem Alves, pois o autor ressalta que as escolas ensinam o conhecimento científico, e todos os esforços têm sido feitos para que isso aconteça de forma competente, pois a ciência é um meio indispensável para que os sonhos sejam realizados. Sem a ciência não se pode plantar

---

<sup>10</sup> PORTOCARRERO, Vera. (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994, p. 55.

<sup>11</sup> ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Cortez. 1980. p. 56.

<sup>12</sup> NUNES, Luiza de F. De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea. *Revista Filosofia e Educação*, Campinas, v. 9, n. 3, p. 101-119, 2018, p. 101-119.

<sup>13</sup> ALVES. 1980, p. 18.

nem cuidar do jardim. Porém, esta não é capaz de fazer os homens *desejarem* plantar jardins, de fazer sonhar, nem de criar um povo, pois o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem poder de gerar os sonhos. Logo, é a beleza que engravida os desejos. São os sonhos da beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados, num povo<sup>14</sup>.

Nesta questão, fica evidente que a ciência é um dos pontos importantes do conhecimento, alocando durante o processo, sua visão pedagógica. Dessa forma, nessa linha de pensamento, à frente de seu tempo, Alves já observava que o reconhecimento da educação das sensibilidades humanas poderia promover a melhoria da qualidade durante o processo de ensino e aprendizagem, principalmente, num espaço social como a escola. Em sua linha de raciocínio dizia que “um educador é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos”<sup>15</sup>.

Para delinear a temática sobre a educação, Rubens Alves já transmitia, mesmo que de forma incipiente, uma perspectiva positiva acerca do campo educacional, pois antecipava um percurso com seu pensamento idiossincrático do ensino e da aprendizagem.

Assim, partindo da premissa que o conhecimento sobre a educação torna o educador consciente das condições biopsicossociais do aluno em suas fases específicas de desenvolvimento, aquela, corrobora para um ensino de qualidade<sup>16</sup>. Portanto, sua crítica é diretamente proporcional à forma tradicional de ensinar, pois demonstra em suas obras a importância de se compreender o aspecto da diáde infância/infantil e educadores/professores, algo improvável de se ver no sistema convencional de educação.

Em um de seus escritos Alves discorre sobre educadores e professores:

Seria possível, então, compreender que a polaridade entre educadores e professores não instaura uma dicotomia entre duas

---

<sup>14</sup> ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 26.

<sup>15</sup> ALVES, 1980, p. 27.

<sup>16</sup> MASTELLA, Izabel C. R. (Org.). *A Teoria Piagetiana na educação atual: um retorno necessário*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVI, Cruz Alta, 2014. *Anais...* Cruz Alta, 2014. [n.p.]. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20A%20EDUCACAO/ARTIGO/ARTIGO%20%20A%20TEORIA%20PIAGETIANA%20NA%20EDUCACAO%20ATUAL%20UM%20RETORNO%20NECESSARIO.PDF>. Acesso em: 10/04/2021.

classes de pessoas, umas inexistentes e heroicas, outras existentes e vulgares, mas antes uma dialética que nos racha a todos, pelo meio, porque todos somos educadores e professores, águias e carneiros, profetas e sacerdotes, reprimidos e repressores<sup>17</sup>.

Perpassando pelas tendências pedagógicas, sua proposta baseada na educação dos sentidos vem sendo interpretada como indicativo de sua adesão aos princípios liberais, apontando um conservadorismo político, pois em nome da subjetividade e da criatividade da criança a ação de aprender é desconectada dos problemas sociais. Até o uso da linguagem poética, caminho privilegiado para exposição de suas concepções, é apontado como prova de uma abordagem psicologizante, fazendo com que suas ideias sejam, comumente, localizadas junto às chamadas pedagogias não diretivas (Tendência Liberal Renovada Não Diretiva (Escola Nova), tendo em vista a valorização do singular e do desejo da criança como princípios orientadores do ensino<sup>18</sup>.

## **2. Pensamento Pedagógico: objetividade e subjetividade**

As emoções na aprendizagem e nos relacionamentos oferecem condições de educá-las, oportunizando aos alunos para aprenderem a gerenciar os sentimentos. A motivação intrínseca do ser humano faz com que os olhos do coração vejam o invisível, que se ouça o inaudível, a estender a mão em direção ao intangível, a ter olhos para a luz, que jamais se apagará e ouvidos para a canção que não esmorece. Assim, tanto o mestre aprendiz quanto o aprendiz, ao caminharem pelo mundo, deixam rastros e fincam raízes fortes para transpor as intempéries do tempo para que possam a vida<sup>19</sup>.

Rubem Alves diz que se não houvesse homens no mundo, se o mundo fosse constituído apenas de objeto, então a linguagem da ciência seria completa. Acontece que os seres humanos riem, têm medos, esperanças, sentem a beleza, apaixonam-se por ideais. No

---

<sup>17</sup> ALVES, 1980, p. 18.

<sup>18</sup> PINHEIRO, Wellington D. *O pensamento pedagógico-espiritualista de Rubem Alves e sua contribuição à formação do educador na contemporaneidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015, p. 52-57.

<sup>19</sup> LEITE, R. D.; CABANAS, Ana. A Pedagogia do olhar: Feeling no processo educacional. *Revista Científica em Educação*, Ubatuba, n. 1, p. 46-62, 2017. Disponível em: [http://www.inecontinuada.com.br/revistaeducacao/abrir\\_artigo.php?id\\_artigo=2017-05\\_05](http://www.inecontinuada.com.br/revistaeducacao/abrir_artigo.php?id_artigo=2017-05_05). Acesso em: 24/04/2021.

entanto, a paixão dos homens pelos ideais não é um objeto físico. Não pode ser dita com a linguagem da ciência. Todavia, seu pensamento sobre a educação medeia, por meio da linguagem da afetividade, as questões estáticas da objetividade<sup>20</sup>.

Segundo Pinheiro, Alves procurou estabelecer seu próprio caminho de pensamento, buscando apoio em uma antropologia *sui generis*, no interior da qual tentou, nem sempre com sucesso, equacionar as questões existenciais e políticas vinculadas ao processo educacional. Sua postura reflexiva, contudo, recuperou de modo significativo o papel ético e político da subjetividade nas análises pedagógicas da condição humana, integrando de modo singular<sup>21</sup>.

Uma exigência intrínseca às teorias pedagógicas contemporâneas consiste na necessidade de repensar nossos paradigmas de conhecimento, sobretudo, àqueles que alimentam a cisão sujeito-objeto, tornando os saberes, derivados da ciência, absolutos. Porém, esse movimento não visa descartar os princípios da razão, da objetividade e da autonomia, mas reavaliá-los criticamente, relendo a contrapelo a herança iluminista que ancora nossos esforços de teorização no campo educacional<sup>22</sup>.

Dessa forma, por estar vinculado às particularidades do contexto a qual pertence, a pluralidade de ideias e teorias caracterizam o pensamento pedagógico em várias partes do mundo<sup>23</sup>.

De acordo com Camilo, conforme citado por Libâneo, Santos e Saviani, em seus estudos, dizem:

[...] que as teorias contemporâneas da educação são aquelas gestadas em plena modernidade, quando a ideia de uma formação geral para todos toma lugar na reflexão pedagógica, e assim começamos o estudo sobre as teorias contemporâneas da educação: natureza e definição<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> ALVES, 1999, p. 26.

<sup>21</sup> PINHEIRO, 2015, p. 72.

<sup>22</sup> PINHEIRO, 2015, p. 80.

<sup>23</sup> CAMILO, Cíntia M.; MEDEIROS, Liziany M. *Teorias da educação*. Santa Maria: UFSM, 2018. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/06/MD\\_Teorias\\_da\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Diagrama%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/06/MD_Teorias_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Diagrama%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf). Acesso em 24/04/2021.

<sup>24</sup> CAMILO; MEDEIROS, 2018, [n.p.].



Portanto, nesse cenário, se o conhecimento mais valorizado na escola passa a ser o conhecimento tácito, cotidiano, pessoal, então o professor deixa de ser um mediador e passa a ser um organizador de atividades que promovam a negociação de significados construídos no cotidiano dos alunos. Mesmo quando os projetos surgidos nas atividades escolares demandem algum tipo de conhecimento proveniente do campo da ciência, o que articula os conhecimentos é o objetivo de formação de habilidades e competências requeridas pela prática cotidiana<sup>25</sup>.

Para Valentine, contemporâneo é aquele que não cessa de interpelar seu tempo, em especial as “cesuras”, que definem um antes e um depois no tempo presente, que produzem uma descontinuidade. É, também, aquele que não adere às regras, experiências e valores sem antes interpretá-los, sendo capa de distanciar-se do instante – sempre inapreensível –, e operar tudo com aspectos do passado quanto do devir histórico; é aquele capaz de “introduzir uma desomogeneidade” na cronologia do tempo linear<sup>26</sup>.

Entendemos, nesse contexto, que Rubem Alves, educador contemporâneo, pautou suas falas e reflexões no objetivo de provocar a percepção de valores presentes e necessários à vida cotidiana dos indivíduos. Portanto, entendia a vida cotidiana como fatores que contribuem, significativamente, para a formação do ser humano em sua essência, por meio da educação escolar e a educação para a vida, para a formação do educando<sup>27</sup>.

### **3. Valores, Linguagem e Religião**

A despeito, mesmo diante das várias abordagens apresentadas por Alves, no contexto educacional, é possível perceber que há um diálogo entre educação-religião, pois, seu “olhar” é direcionado às

---

<sup>25</sup> MARTINS, L. M.; DUARTE, N. (Orgs.). Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, 2010, p. 27.

<sup>26</sup> VALENTINI, Débora B. *Impasses Pedagógicos Contemporâneos: um estudo sobre orientação vocacional em escolas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 43-44.

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Josiele; ANJOS e SANTOS, M. G. T. *Vida e Obra de Rubem Alves: visões e contribuições para a Educação*. Disponível em <https://www.unicerp.edu.br/revistas/educsaudemeioamb/p165.pdf>. Acesso em 26/04/2021, [n.p.].

particularidades da dinâmica do saber e à **subjetividade** [grifo nosso], assim como sua constituição na mediação com o outro.

Segundo Passos “a educação do cidadão é um processo complexo que inclui múltiplos aspectos, inclusive o religioso, sendo este último um dado antropológico e sociocultural presente na história da humanidade”<sup>28</sup>.

Ainda em Passos:

Sobre a função social da religião, parecem ainda mais válidas as contribuições dos clássicos da sociologia. Karl Marx vê as condições de carência econômica como um fator que tende a preservar a religião como estratégia de solução simbólica, como ‘coração de uma sociedade sem coração’<sup>29</sup>.

Daí a importância de se compreender o significado da linguagem mediadora no campo da religiosidade e da subjetivação do indivíduo no mundo, conforme destaca, Rubem Alves, em suas obras. Percebemos seu enfoque sob a ótica da essência para a experiência religiosa, principalmente, quando reflete sua experiência de vida no cenário social de sua época e de um momento histórico tão complexo.

Nessa dinâmica, retomando o tema religiosidade, Alves cita Piaget, “o conhecimento não é uma cópia, mas uma organização do real”. Asseverando que, como o real é destituído de significação humana, o mundo só se torna humano depois que o homem o estrutura de acordo com as exigências dos seus valores, ou seja, para o autor, aquilo a que denominamos realidade é uma construção da matriz religiosa da consciência<sup>30</sup>.

Não obstante, pode-se certificar que, para Alves, a religião nasce pelo poder que os homens têm de dar nomes às coisas, fazendo uma separação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte, se dependuram. Assim, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais, que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se apresenta para nós como certo tipo de fala, de discurso e rede de símbolos<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 33.

<sup>29</sup> PASSOS, 2007, p. 99.

<sup>30</sup> ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 1984, p. 10.

<sup>31</sup> ALVES, 2006, p. 24.

Ponderando sobre religião, Alves afirma que é fácil identificar, isolar e estudar a religião como comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes, mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece nosso cotidiano<sup>32</sup>.

Quanto à religiosidade destaca a maneira peculiar da apresentação dos símbolos quando enfatiza:

De tanto serem repetidos e compartilhados, de tanto serem usados, com sucesso, à guisa de receitas, nós os reificamos, passamos a tratá-los como se fossem coisas. Todos os símbolos que são usados com sucesso experimentam esta metamorfose. Deixam de ser hipóteses da imaginação e passam a ser tratados como manifestações da realidade. Certos símbolos derivam o seu sucesso do seu poder para congregar os homens, que os usam para definir a sua situação e articular um projeto comum de vida. [...]. Os símbolos vitoriosos, e exatamente por serem vitoriosos, recebem o nome de verdade, enquanto que os símbolos derrotados são ridicularizados como superstições ou perseguidos como heresias. E nós, que desejamos saber o que é a religião, que já sabemos que ela se apresenta como uma rede de símbolos, temos de parar por um momento para nos perguntar sobre o que ocorreu com aqueles que herdamos<sup>33</sup>.

Projetando suas premissas a partir de outros olhares, faz com que ambas se completem e dialoguem entre si. Pois, perpassa por diferentes abordagens dos campos disciplinares tais como: a Antropologia, a Teologia, a Ciência, a Filosofia, inclusive, a Psicanálise.

Ainda sobre a questão religiosa, Rubem Alves ancora-se, sobremaneira, nas ideias de Freud, já que o pai da Psicanálise tratou da mesma temática a partir do caráter biológico. Tal qual o imaginário (imaginação de Alves) e do simbólico<sup>34</sup> propiciando uma dúplce conceitual.

A linguagem do símbolo é a linguagem da emoção, da afetividade, que não foi enformada, disciplinada, ordenada, refletida, em suma, racionalizada. Não é uma linguagem nem superior nem inferior a do signo, é simplesmente diferente. É a linguagem que permite que os desejos se expressem porque lhes dá um rosto; rosto

---

<sup>32</sup> ALVES, 1980, p. 38.

<sup>33</sup> ALVES, 1980, p. 39.

<sup>34</sup> Em Freud, simbólico significa o conjunto dos símbolos de significação constante que podem ser encontradas em diversas produções do inconsciente.

esse reconhecido por quem se permite acreditar/sentir o mistério das coisas, dos outros, de si, por quem se propõe desvendá-lo sem ser com os olhos da razão lógica<sup>35</sup>.

Dessa forma, “quando o outro passa a nos olhar, temos a presença do outro, pois a consciência do outro estabelece uma nova relação, porque se reconhece que há uma pessoa dentro do corpo físico”<sup>36</sup>.

Para compreendermos o ser humano, faz-se necessário analisá-lo como ser aberto, relacional e simbólico, cuja produção cultural é marcada pelo pluralismo, inclusive na sua dimensão religiosa. A construção simbólica passa a ser, não só um reflexo imediato dessa experiência, mas também uma expressão da procura de explicação às causalidades daquilo que se vive. [...] São as relações sociais que, além de dar o sentido de pertença, estabelecem os limites na convivência social. Sem parâmetros relacionais, não há como se tornar pessoa humana. A produção simbólica tem, portanto, a função de superar as contradições e desenvolver o sentimento de pertencimento a um grupo, evidenciando seu caráter harmonizador<sup>37</sup>.

Falar em linguagem do símbolo é falar sobre linguagem da afetividade, portanto, evidenciar como esta influencia as questões educacionais, pois os diferentes “modos de olhar” que se configuram em diferentes modos de conceber e teorizar afetividade refletem de modos também diferenciados nas relações de ensino. As emoções vão assim se tornando um problema das relações de ensino, da educação e da pedagogia<sup>38</sup>.

Há de sublinhar, ainda, que na experiência estética, as expressões dos fenômenos culturais da religião, também, são, frequentemente, interpretadas como coisas, como objetos. Porém, as

---

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Lúcia de (Org.). *(Im) pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vtzmp/pdf/oliveira-9788579830228.pdf>. Acesso em: 15/04/2021, p. 68.

<sup>36</sup> KRONBAUER, S. C. G.; SOARES, Afonso M. L. *Educação e Religião: múltiplos olhares sobre o Ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 18.

<sup>37</sup> SILVA, Antonio W. C.; BARBOSA, Luís F. S.; ZACHARIAS, Ronaldo. (Orgs.) *Antropologia Teológica: Pensar o Humano na Universidade*. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 19-23.

<sup>38</sup> MAGIOLINO, Lavínia L. S. *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010, p. 62-64.

religiões possuem instituições, mitos, ritos, linguagens, que podem ser descritas e analisadas, assim como uma obra de arte. Mas, Rubem Alves aponta que, quanto mais analisarmos sua estrutura de forma rigorosa, menos iremos captar sobre sua essência, já que ela não se encontra no objeto, mas como no caso da experiência estética, se alcança na relação com o outro<sup>39</sup>.

Corroborando com a superação das contradições, Garcia enfatiza que:

Como o belo, a religião não pode ser totalmente explicada e decifrada por palavras, pois possui qualidades que fogem à descrição. Somente na relação com objeto, que se pode despertar para as propriedades da essência do mesmo, a partir dos sentimentos gerados por este encontro. Outro fator que evidencia o problema de se tratar a religiosidade como objeto é que muitos estudos se focam nas formas institucionalizadas da religião, como se fossem análogos. Devemos ter em mente que as instituições apresentam tentativas de racionalizar a experiência do mistério<sup>40</sup>.

Isto posto, entendemos Alves quando se posiciona acerca da experiência estética ao afirmar que, “belo não é nem uma propriedade do objeto e nem uma propriedade do sujeito. Ele vem a existir quando o sujeito é levado a vibrar, emocionalmente, em resposta ao objeto”<sup>41</sup>.

## Considerações finais

Embora cientes da velocidade das transformações sociais que estão ocorrendo no mundo contemporâneo, percebemos nitidamente, o aspecto educacional e religioso entre Rubem Alves e Freud através dos laços estabelecidos pela objetividade, subjetividade, imaginário e simbólico que permeia a obra dos dois autores.

A formação do autor, tanto no aspecto profissional como no aspecto religioso, permitiu que pudesse conectar os vários estudiosos

---

<sup>39</sup> GARCIA, Amanda M. *Sigmund Freud e Rubem Alves: duas perspectivas sobre a religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2017. Disponível em <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/AMANDA-MIRANDA-GARCIA.pdf>. Acesso em 11/04/2021, p. 37.

<sup>40</sup> GARCIA, 2017, p. 44.

<sup>41</sup> ALVES, 1984, p. 14.

com que se deparou ao longo de sua trajetória de vida, propiciando ideias e formulações que podemos aplicar ao nosso tempo, portanto, podemos dizer que Alves, segundo suas convicções, interpretou esses pensadores de uma nova ótica, criando a visão Rubem Alves de vivenciar, Educação, religião, afetividade e subjetividade.

É importante ressaltar que são, absolutamente, atuais as reflexões da religiosidade onde o pensamento das primeiras décadas do século XXI nos mostrou que a busca pelo sagrado não acabou, haja vista as diversas correntes religiosas que despontam mesmo após a implementação do pensamento marxista espalhados pelos diferentes continentes.

Por fim, concluímos que em uma posição de vanguarda, Alves preconiza a educação e religião vinculada aos fatores da subjetividade, afetividade e relacionamentos sociais vigentes.

## Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1980.
- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. São Paulo: Papirus, 1984.
- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CAMILO, Cíntia M.; MEDEIROS, Liziany M. *Teorias da educação*. Santa Maria: UFSM, 2018. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/06/MD\\_Teorias\\_da\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Diagrama%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/06/MD_Teorias_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Diagrama%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf). Acesso em 24/04/2021.
- CUNHA, Antônio G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GARCIA, Amanda M. *Sigmund Freud e Rubem Alves: duas perspectivas sobre a religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2017. Disponível em <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/AMANDA-MIRANDA-GARCIA.pdf>. Acesso em 11/04/2021.
- INSTITUTO RUBEM ALVES [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/biografia/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

KRONBAUER, S. C. G.; SOARES, Afonso M. L. *Educação e Religião: múltiplos olhares sobre o Ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2013.

LEITE, R. D.; CABANAS, Ana. A Pedagogia do olhar: Feeling no processo educacional. *Revista Científica em Educação*, Ubatuba, n. 1, p. 46-62, 2017. Disponível em: [http://www.inecontinuada.com.br/revistaeducacao/abrir\\_artigo.php?id\\_artigo=2017-05\\_05](http://www.inecontinuada.com.br/revistaeducacao/abrir_artigo.php?id_artigo=2017-05_05). Acesso em: 24/04/2021.

MAGIOLINO, Lavínia L. S. *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

MARTINS, L. M.; DUARTE, N. (Orgs.). *Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias*. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.

MASTELLA, Izabel C. R. (Org.). *A Teoria Piagetiana na educação atual: um retorno necessário*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVI, Cruz Alta, 2014. *Anais...* Cruz Alta, 2014. Disponível em: <https://home.uni.cruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20A%20EDUCACAO/ARTIGO/ARTIGO%20%20A%20TEORIA%20PIAGETIAN%20NA%20EDUCACAO%20ATUAL%20UM%20RETORNO%20NECESSARIO.PDF>. Acesso em: 10/04/2021.

NASCIMENTO, Josiele; ANJOS e SANTOS, M. G. T. *Vida e Obra de Rubem Alves: visões e contribuições para a Educação*. Disponível em <https://www.unicerp.edu.br/revistas/educsaudemeioamb/p165.pdf>. Acesso em 26/04/2021.

NOGUEIRA, Paulo A. de S. (Org.). *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.

NUNES, Luiza de F. De Platão a Rubem Alves: Eros na educação contemporânea. *Revista Filosofia e Educação*, Campinas, v. 9, n. 3, p. 101-119, 2018.

OLIVEIRA, Lúcia de (Org.). *(Im) pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vtzmp/pdf/oliveira-9788579830228.pdf>. Acesso em: 15/04/2021.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PINHEIRO, Wellington D. *O pensamento pedagógico-espiritualista de Rubem Alves e sua contribuição à formação do educador na*

*contemporaneidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

PORTOCARRERO, Vera. (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

SILVA, Antonio W. C.; BARBOSA, Luís F. S.; ZACHARIAS, Ronaldo. (Orgs.) *Antropologia Teológica: Pensar o Humano na Universidade*. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

VALENTINI, Débora B. *Impasses Pedagógicos Contemporâneos: um estudo sobre orientação vocacional em escolas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.